

Educação

Dilemas Contemporâneos

Volume XIV

Lucas
Rodrigues
Oliveira
organizador



2022



Lucas Rodrigues Oliveira
Organizador

Educação
Dilemas contemporâneos
Volume XIV



Pantanal Editora

2022

Copyright© Pantanal Editora

Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo

Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera e Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora. **Diagramação e Arte:** A editora. **Imagens de capa e contracapa:** Canva.com. **Revisão:** O(s) autor(es), organizador(es) e a editora.

Conselho Editorial

Grau acadêmico e Nome

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Prof. MSc. Adriana Flávia Neu
Prof. Dra. Allys Ferrer Dubois
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior
Prof. MSc. Aris Verdecia Peña
Prof. Arisleidis Chapman Verdecia
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva
Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo
Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu
Prof. Dr. Carlos Nick
Prof. Dr. Claudio Silveira Maia
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos
Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva
Prof. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos
Prof. MSc. David Chacon Alvarez
Prof. Dr. Denis Silva Nogueira
Prof. Dra. Denise Silva Nogueira
Prof. Dra. Dennyura Oliveira Galvão
Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves
Prof. Me. Ernane Rosa Martins
Prof. Dr. Fábio Steiner
Prof. Dr. Fabiano dos Santos Souza
Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez
Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles
Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira
Prof. MSc. Javier Revilla Armesto
Prof. MSc. João Camilo Sevilla
Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales
Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski
Prof. MSc. Lucas R. Oliveira
Prof. Dra. Keyla Christina Almeida Portela
Prof. Dr. Leandro Argente-Martínez
Prof. MSc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann
Prof. MSc. Marcos Pisarski Júnior
Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos
Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla
Prof. MSc. Mary Jose Almeida Pereira
Prof. MSc. Núbia Flávia Oliveira Mendes
Prof. MSc. Nila Luciana Vilhena Madureira
Prof. Dra. Patrícia Maurer
Prof. Dra. Queila Pahim da Silva
Prof. Dr. Rafael Chapman Auty
Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke
Prof. Dr. Raphael Reis da Silva
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes
Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo (*In Memoriam*)
Prof. Dra. Sylvana Karla da Silva de Lemos Santos
MSc. Tayronne de Almeida Rodrigues
Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca
Prof. MSc. Wesclen Vilar Nogueira
Prof. Dra. Yilan Fung Boix
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

Instituição

OAB/PB
Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
UO (Cuba)
IF SUDESTE MG
Facultad de Medicina (Cuba)
ISCM (Cuba)
UFESSPA
UEA
UNEMAT
UFV
AJES
UFGD
UEMS
IFPA
UNICENTRO
IFMT
UFMG
URCA
ISEPAM-FAETEC
IFG
UEMS
UFF
(Colômbia)
UNAM (Peru)
IFRR
UCG (México)
Mun. Rio de Janeiro
UNMSM (Peru)
UFMT
Mun. de Chap. do Sul
IFPR
Tec-NM (México)
Consultório em Santa Maria
UFJF
UEG
FAQ
UNAM (Peru)
SEDUC/PA
IFB
IFPA
UNIPAMPA
IFB
UO (Cuba)
UFMS
UFPI
UFG
UEMA
IFB
UFPI
FURG
UO (Cuba)
UFT

Conselho Técnico Científico
- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	Educação [livro eletrônico] : dilemas contemporâneos: volume XIV / Organizador Lucas Rodrigues Oliveira. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2022. 60p. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-65-81460-68-6 DOI https://doi.org/10.46420/9786581460686 1. Educação. 2. Aprendizagem. 3. Gestão escolar. I. Oliveira, Lucas Rodrigues. CDD 370.1
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	



Nossos e-books são de acesso público e gratuito e seu download e compartilhamento são permitidos, mas solicitamos que sejam dados os devidos créditos à Pantanal Editora e também aos organizadores e autores. Entretanto, não é permitida a utilização dos e-books para fins comerciais, exceto com autorização expressa dos autores com a concordância da Pantanal Editora.

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

Apresentação

Chegamos ao décimo quarto volume de “Educação: dilemas contemporâneos”, e permanece a convicção de que há muito ainda a ser debatido sobre a educação brasileira. Entendemos os processos educativos como um mecanismo vivo e dinâmico – por isso, nossas reflexões prosseguem, sempre com a disposição de contribuir com o debate e as pesquisas educacionais.

O volume aqui apresentado é composto por seis capítulos, que versam sobre diferentes temas, todos relacionados, como já era de se esperar, à educação. O primeiro capítulo, intitulado: “Transtorno sensorio motor na primeira infância: percepções maternas e pedagógicas”, reflete sobre as percepções maternas e pedagógicas com relação ao transtorno sensorio motor na primeira infância.

O segundo capítulo traz com o título “Sobre a educação numa sociedade em mudança” e reflete sobre as constantes mudanças que ocorrem na educação e como isso reflete nos processos de ensino e aprendizagem, envolvendo, principalmente, professores e estudantes.

“Estratégias de ensino em Educação Ambiental” é o título do terceiro capítulo e corresponde a uma temática muito cara ao Brasil; inclusive, o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, em 2022, abordou como tema de redação as comunidades e povos tradicionais, mostrando a relevância de se tratar de meio ambiente e dos povos que vivem diretamente em contato com a natureza.

O quarto capítulo recebe o título de “Experiencia Didactica del Modelo Híbrido de Aprendizaje en la Carrera Ingeniería Industrial”. Já o quinto capítulo, “A educação nas sociedades antigas: um estudo preliminar”, fará uma análise pertinente sobre os processos educativos dos povos antigos.

Por fim, o último capítulo, o sexto, intitulado: “Metodologias ativas e práticas pedagógicas diferenciadas como facilitadoras para a motivação e o aprendizado significativo”, mostrará como são relevantes as metodologias ativas e como esse método de abordar o conhecimento é importante para os alunos estejam motivados e, assim, aprendam, de fato.

Lucas Rodrigues Oliveira


Sumário

Apresentação	4
Capítulo 1	6
Transtorno sensório motor na primeira infância: percepções maternas e pedagógicas	6
Capítulo 2	12
Sobre a educação numa sociedade em mudança	12
Capítulo 3	22
Estratégias de ensino em Educação Ambiental	22
Capítulo 4	33
Experiencia didáctica del modelo híbrido de aprendizaje en la carrera ingeniería industrial	33
Capítulo 5	40
A educação nas sociedades antigas: um estudo preliminar	40
Capítulo 6	51
Metodologias ativas e práticas pedagógicas diferenciadas como facilitadoras para a motivação e o aprendizado significativo	51
Índice Remissivo	59
Sobre o organizador	60

Sobre a educação numa sociedade em mudança

Recebido em: 10/09/2022

Aceito em: 13/09/2022

 10.46420/9786581460686cap2

Oscar Edgardo Navarro Escobar^{1*} 

INTRODUÇÃO

O sistema capitalista é uma relação social incorrigível. Eis aqui uma afirmação que nos ajuda a compreender a sua lógica, pois, ao longo do tempo transformou-se numa relação que produz a negação da humanização dos seres sociais, outrora, apresentava-se contrário daquilo que é hoje. O sistema de mercado privilegia toda a condição humana à sua subordinação. Mais como chegamos até este ponto, que circunstâncias históricas nos levaram a este momento crítico e em penumbras?

Sua contextualização esta referendada com o processo da industrialização e o declínio do mundo feudal, no ultimo terço do século quatorze abre- um novo processo econômico e político que permitirá inaugurar formas inéditas do trabalho social e o aparecimento de uma classe vinda dos burgos e do comércio, esta colocará em xeque todas as antigas formas de vida e de sociabilidade, como declarava acertadamente o economista inglês Beaud (1981), “ Quem poderia então imaginar que se preparava a dominação do mundo por um novo Deus: o capital?”. Se considerarmos as diferenças históricas, essa afirmação confere um admirável assertivo aos nossos dias.

A reconstituição na esfera política, econômica, social e cultural é fundamental para compreender o momento de nossa atualidade; devido às arbitrariedades do desenvolvimento histórico humano, o sistema de hoje, reflete em si mesma toda as características, vantagens, privilégios, adversidades e questionamentos das épocas históricas e das sociedades concretas em que os seres humanos estão inseridos. Historicamente, o estudo das sociedades tem adquirido diversas conotações, sendo que há consenso em afirmar que está nunca teve um desenvolvimento linear, pelo contrário, a sociabilidade humana possui contínuas rupturas e contradições, inovações e retrocessos, avanços e descobertas, numa mudança labiríntica sociopolítica. A sociedade representou e representa, ademais, um processo vivo e dinâmico das múltiplas realidades na qual os indivíduos desenvolvem suas vidas cotidianas. Também, a educação possui espaços definidores de mudanças ou de conservação; porém, qual é seu papel fundamental na sociedade atual? Eis nosso ponto de partida.

¹ Pesquisador e professor adjunto na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

* Autor correspondente: escobareduc@uepg.br

EDUCAÇÃO E SOCIEDADE: DILEMAS CONTEMPORÂNEOS

Em dadas situações históricas, as contradições sociais entre as classes, tendem a tornar-se mais complexas, mesmo que anteriormente tenham contribuído para o desenvolvimento social, estas podem passar a exercer um papel inverso, embridando ou dificultando o desenvolvimento humano. Em tempos pretéritos, o mundo simbólico da religião nas sociedades primitivas ou tribais² foi a primeira forma de elevação dos conhecimentos místicos e fragmentários da explicação para a compreensão e interpretação da sua realidade a nível simbólico; os atendimentos das necessidades básicas, econômicas e culturais representam um estágio na qual todo é explicado por forças demiurgos, externas à condição humana; é uma concepção de mundo, ainda que intuitiva e sibilina. Foi a forma pela qual as primeiras sociedades (tribais) conseguiram generalizar em universalidade os conhecimentos empíricos obtidos na vivência e no aprendizado cotidiano. Essa pretérita generalização foi importante, milênios após, para a gênese ao desenvolvimento do conhecimento na filosofia e a história, enquanto elevação das experiências e saberes cotidianos em uma visão social de mundo não mais mística.

Contudo, num momento histórico, esta visão teológica terminou por se transformar em um empecilho ao aditamento do ser humano. Não apenas porque, nas sociedades de classe, na maior parte das vezes, se transformou em justificativa do status quo; pois, ao projetar numa metafísica os poderes efetivos da humanidade, acima de tudo, ao fazer da história humana uma dádiva transcendental, possibilitando que os homens não tomem consciência de serem eles os verdadeiros e únicos agentes da produção de seu próprio destino.

Ao velar esse fato, necessária para a sociabilidade humana, a forma teológica de conhecimento dificulta que os indivíduos assumam lucidamente o fato que ela é a única responsável pela sua história, que não há nenhuma força extra-humana que a impeça de esculpir o seu caminho do modo como achar mais justo e adequado. Com o desenvolvimento da ciência, da filosofia, da história, dos processos de conhecimento, etc., a humanidade passa a contar com novos e melhores métodos para generalizar o conhecimento do singular em concepções de mundo e, então o pensamento teológico se converte em um obstáculo à explicitação do gênero humano e do pensamento científico.

Outra referência de como um modo de produção histórico e uma relação social, de impulsionadora do desenvolvimento humano, pode constituir-se em um obstáculo ao avanço da sociabilidade e das formas de trabalho humano, é o capital. Resulta inegável o seu papel, outrora, revolucionário e progressista, pois, ao romper os estreitos limites da sociedade feudal, ao possibilitar que as subjetividades humanas descobrissem e desenvolvessem a sua efetiva autonomia frente à totalidade social, ao revolucionar as forças produtivas num ritmo e numa intensidade sempre surpreendente. Com a revolução científica -técnica, fosse ampliando notadamente a base técnica da esfera da administração, etc.

² “Nas sociedades primitivas, o trabalho como atividade puramente econômica não existe. O trabalho é ao mesmo tempo um ato econômico, político e religioso. O homem primitivo é um homem completo, seu trabalho não é separável do seu ser social” (Barbosa & Mangabeira, 1990: 42/43).

Contudo, com o passar do tempo, com o encerramento do ciclo revolucionário burguês, o capital³ passa, de modo cada vez, mas intenso, a conter o desenvolvimento da sociabilidade humana em todas as dimensões da vida cotidiana, seja na cultura, política, na economia, principalmente, na própria produção de conhecimento, esta passa a constituir-se numa pseudociência, enfim, a um declínio acentuado tanto no campo material quanto espiritual. Portanto, como observa acertadamente Mészáros (2007), de forma inequívoca diz:

Como sabemos, na fase ascendente de seu desenvolvimento o sistema de capital era imensamente dinâmico, em muitos aspectos, também positivo. Somente com o passar do tempo – que trouxe objetivamente consigo a intensificação dos antagonismos estruturais do sistema do capital – este se tornou uma força regressiva perigosa. Se, entretanto, a ordem reprodutiva vigente não tem senso de tempo histórica, como, aliás, se verifica hoje, não pode se quer perceber a diferença (Mészáros, 2007).

Efetivamente, sob a influência da classe dominante, o estágio atual de nosso tempo pressupõe um declínio acentuado e persistente nas próprias democracias, estas tornam-se frágeis e geradora de indefinições sociais, econômicas e políticas. Os espaços educacionais não se encontram alheios às esferas desta realidade social.

Como se vê, hoje em dia, como uma solução espontânea a todos os problemas e contradições, oferecem-nos soluções que passam exclusivamente na acomodação do capital, as soluções passam exclusivamente por essa forma de trabalho social, a própria sociedade, com uma mídia imensa que possui uma capacidade extraordinária de ⁴alheamento da realidade social, passa a legitimar que é possível uma transformação da condição humana plausível a nosso tempo.

Eis aqui uma contradição que cada vez se torna mais visível; a própria “globalização” é um processo que chegou ao limite de seu desenvolvimento, se pode entrever a configuração de um poder multipolar e não mais unipolar. Esta realidade é inédita na atualidade, a dominação hegemônica de determinadas potências econômicas chegou ao fim, este é um dado novo para a sociabilidade humana, certamente trará um equilíbrio entre os países, principalmente, para as “economias emergentes”. Nas palavras de Mészáros (2007) quando afirma: “É essa circunstância que se deve submeter as expectativas esperançosas da “globalização” à sombra do penoso fracasso, sem eliminar, contudo, o próprio problema – a saber, a necessidade de uma integração verdadeiramente global dos intercâmbios produtivos da humanidade – a qual se pode entrever apenas uma solução socialista”.

Por certo, as soluções aos múltiplos problemas da vida humana passa pelas ações coletivas, a história demonstra isso, e não por iniciativas privados ou movimentos espontâneos, nem muito menos por forças subjetivas ou anseios idealistas. Estas considerações não são novidade, permitem-nos apenas sob as circunstâncias atuais da crise estrutural do sistema, ver de que formas as sociedades estão

³ “Afirmamos que este sistema não constitui nada mais do que uma fase histórica, que ela desaparecerá e cederá lugar a uma ordem superior. (...) Os trabalhadores não podem mais confiar nos políticos. Os especuladores e as “classes” se apoderam dos órgãos legislativos e a política tornou-se uma profissão” (Andréas: 1983).

⁴ “Nossos antepassados também foram embalados pelas mesmas ilusões e nossos descendentes não escaparão a tal influência, até que se chegue em séculos vindouros a uma maior conscientização do ser humano, a respeito da vida, do mundo e de si mesmo” (Velloso, 1984).

enfrentando as temerárias formas de resolução e das contradições inerentes a esta relação econômica. A situação atual não é mais favorável a deslocar as contradições sem acelerar ao mesmo tempo os limites irremovíveis do próprio sistema. Em tempos pretéritos a capacidade do capital regenerar-se ou superar suas crises cíclicas e conjunturais era relativamente amparada pela contínua auto expansão, este fenômeno já não é possível pela nova configuração do mundo multipolar.

Ao definir o progresso social a economia real e progressista declara que esta deve passar necessariamente, como uma relação inequívoca, pelo desenvolvimento das forças produtivas e a melhoria do nível de vida da população em geral, tanto na sua dimensão material quanto nos aspectos espirituais. Assim, não se pode menosprezar essa evidência histórica.

Embora a educação tenha a função de conservação da socialização dos saberes não se pode ignorar o fato de que toda educação, em particular a educação escolar, supõe sempre seleção no interior da cultura e uma reestruturação dos conteúdos destinados a satisfazer certos interesses sociais, em muitas circunstâncias eles aparecem velados e justificados socialmente; Chauí (2001) afirma que:

A proposta universitária prioritariamente financiada pelas empresas liga a pesquisa científica-tecnológica aos interesses específicos de grupos e de mercado, deixando de lado o papel da pesquisa pública, voltada para os direitos de toda a sociedade. A ideia da avaliação segundo critérios de produtividade, eficácia e competitividade transforma a natureza conflitiva e antagônica da democracia, estimuladora de novos direitos, em luta mortal dos interesses, fazendo que a cisão universitária surja como cisão dos interesses e, sobretudo, fazendo que os opositores à universidade neoliberal caiam na armadilha do neoliberalismo, uma vez que se sentem forçados, pelas condições econômicas, centrar suas lutas nas questões salariais e nos interesses da categoria” (Chauí, 2001).

Esse é um desafio de nosso tempo, há múltiplas soluções educacionais, porém a maioria passa por uma mera reforma da sociedade, mesmo aquelas correntes mais progressistas. Ora, a crise coloca em evidência os retrocessos conquistados a duras penas ao longo do processo histórico. Sabemos que a educação não é um trabalho pronto acabado a ser transferido às consciências vazias das novas gerações, como sustentavam e sustentam as concepções positivistas ou funcionalistas. A perspectiva do materialismo histórico e dialético considera a educação como uma relação social que se institui entre os seres sociais (independentes das vontades individuais), ao mesmo tempo, a sociedade está num processo de contínua transformação, desse modo, a educação também está num permanente ato de modificação. Todavia, sabemos que a sociabilidade humana está pautada por inúmeras contradições que passam por as classes que a compõem.

Portanto, o trabalho educativo não pode ser abordado ou entendido se for apenas analisado separadamente, é necessário levar em consideração as múltiplas dimensões que compõem as relações sociais, isto é, a esfera econômica, política, cultural, entre outras. Na atualidade há uma contradição entre as forças produtivas e os modos de relacionamento social que estão levando as sociedades a um forte declínio, em todos os âmbitos da sociabilidade. O autor citado acima enfatiza que o problema atual:

É revelador do caráter incorrigível do sistema do capital que, mesmo num momento como este – quando a imensa grandeza da crise em desenvolvimento já não pode ser negada pelos mais

devotos apologistas ex officio do sistema, uma crise descrita há poucos dias por ninguém menos que o vice-governador do banco da Inglaterra como a maior crise em toda a história humana (...) todos são forçados a terem pelo menos alguma preocupação sobre a verdadeira natureza e as necessárias consequências destrutivas da globalização capitalista, saúda de forma dogmática (Mészáros, 2011, grifos do autor).

Nesse sentido, o declínio da sociedade atual não é apenas uma crise econômica ou financeira, é algo mais, pois, coloca em ação a possibilidade de milhares de pessoas não poder ter acesso às mais mínimas condições de sobrevivência, mesmo querendo vender a fonte de seu trabalho não conseguem encontrar emprego, assim, as condições de viver vão caindo a situações inimagináveis. O mundo de hoje exige um processo educativo baseado em informações com crescente apropriação social, econômica, científica⁵ e tecnológica, porém, o que vemos é ao contrário. As medidas executadas na última década têm trazido para a sociedade um estado de arrocho salarial significativo das classes produtivas, principalmente a educação e da área da saúde foram abandonadas. A organização do Estado tem assumido um papel de mero gestor de mercado, direcionando as sociedades a estabelecerem insegurança, pauperização e uma acentuada e crescente desigualdade social, etc. Ademais, pode-se observar que a sociedade está aberta às mudanças por uma situação diferente da atual, há uma crescente reivindicação para reverter a situação de esta organização neoliberal, e vêm à tona uma antiga questão: De que forma poderemos superar a crise atual? De que forma o ensino ou os sistemas educacionais podem contribuir para uma sociedade mais democrática culturalmente? Eis nosso ponto de partida para a seguinte discussão.

EDUCAÇÃO E DEMOCRACIA: DILEMAS DE NOSSO TEMPO

A trajetória reconstituída do movimento de educadores em defesa da educação pública e gratuita e de qualidade formam uma das mais caras reivindicações sociais e demonstram um amplo movimento setores de base.

As políticas reunidas sobre a rubrica do Consenso de Washington (sob o governo de Fernando Henrique Cardoso, como a do mandato do atual governo neoliberal) privilegiaram o ajuste fiscal e o pagamento da dívida externa; o enxugamento do Estado por meio de reformas e da retirada de direitos sociais em grande escala; a Uberização do empreendedorismo, a privatização sob a filosofia da competitividade local e internacional. A educação sob estas circunstâncias, é vista como um serviço e não como um direito. Vista como um serviço a escola e os espaços educacionais deixaram de ser percebidos como instituição e passaram a ser entendidas como organização, isto é, como uma esfera que deve mercantilizar seus produtos ao sabor do mercado consumidor. Ou ainda como adverte Apple (2002):

Por um lado, a escola deve contribuir para o processo de acumulação, produzindo tanto os agentes para o mercado de trabalho hierarquizado quando o capital cultural do conhecimento

⁵ O pensamento científico foi substituído por um saber pseudocientífico, porém, esta é uma necessidade do capital para ocultar as inúmeras contradições que surgem desta relação de trabalho contraditória, recomenda-se ver trabalhos sobre a Agnotologia.

técnico-administrativo. Por outro lado, nossas instituições educacionais devem legitimar as ideologias de igualdade e mobilidade social (Apple, 2002).

Entretanto, nos lembra, o mesmo autor, que esse não é um processo mecânico em que as pressões externas da produção econômica ou do Estado moldam as escolas e as instituições de ensino e aqueles que desenvolvem suas atividades pedagógicas, pelo contrário, existe neste cenário humano uma certa autonomia, certos espaços na qual se elaboram práticas e oportunidades de resistência, principalmente, ao se focalizar os conflitos de classe, as instituições escolares como um aparato do Estado contraditório. A pesquisadora Kuenzer (1995), aponta suas discussões também nesse sentido, o domínio da relação do capital⁶ pressupõe a mais completa e acabada divisão de trabalho na sociedade contemporânea, com todas as implicações que isto significa (exploração, alienação, etc.), e uma distribuição desigual da educação a nível geral.

Em virtude desta realidade, a educação atual, vive uma grande contradição: ao mesmo tempo em que podemos assistir à grande valorização da educação nos diversos setores sociais, podemos fazê-lo, também, quanto à desvalorização da escola e dos profissionais de educação formal, isto é, ao contrário do que prega o discurso oficial, vivemos um processo de “desprofissionalização” do profissional da educação de forma geral.

A consequência da redução do quadro de professores, e a impossibilidade de ampliação significativa do número de vagas que possa realizar face às crescentes demandas dos alunos que concluem o segundo grau. Estabelece-se nestas circunstâncias, as condições objetivas que favorecem o financiamento de bolsas a estudantes das instituições particulares ou privadas, como vem sendo implementado pelos governos estaduais e políticas enunciadas pelo governo federal, possibilitando assim, criar o significado de público na visão das políticas neoliberais, isto é, nem estatal, nem gratuito. Logicamente, estas medidas abrem espaço para a cobrança de mensalidades ou taxas de prestação de serviços nas instituições públicas, tal como é recomendado pelo Banco Mundial.

Na verdade, o sistema econômico atual pressupõe que o trabalho social esteja controlado pelo capital, o mesmo, não atua em benefício da coletividade, mesmo que esta tenha as prioridades fundamentais de garantir os seus meios de vida. A alteração dos meios de produção em capital possibilita que o mercado regule e defina o cotidiano da sociabilidade humana. Há um domínio acentuado em todas as esferas que compõem a sociedade (cultura, educação, justiça, entre outras) como um todo.

Devemos lembrar também que a política educacional no Brasil não se faz por meio de um grande debate democrático, pelo contrário, as interferências das grandes agências nacionais e internacionais determinam os destinos desse processo educacional. As propostas para as esferas educativas atendam perfeitamente aos desideratos dessas agências e demonstra nosso pouco conhecimento tanto de suas

⁶ “O capitalismo se expande porque desencadeia forças econômicas que compelem todos os capitalistas e, até certo ponto, os trabalhadores, a se comportarem de maneira funcional à acumulação do capital como um todo. Apesar desse grau de coerência interna, o capitalismo também é profunda e irremediavelmente falho, tanto porque tolhe sistematicamente o potencial humano, quanto porque a subordinação das necessidades humanas à motivação do lucro provoca crises e contradições que limitam a reprodução do próprio capital” (Fine; Saad Filho, 2021).

formas de funcionamento, quanto dos tópicos que insere na agenda educacional brasileira. De outro lado, essa escolha pode revelar - ainda que esteja inconsciente nas propostas - que o Estado e o capital são, de fato, os sujeitos históricos determinantes de nosso trabalho educativo.

Fase a este contexto, os educadores vêm construindo teórica e praticamente a concepção de base comum nacional, entendendo-a como instrumento de luta contra a degradação da profissão (ANFOPE⁷), e que hoje corporifica um referencial respeitável para garantir a igualdade de condições de formação em oposição à concepção de igualdades de oportunidades originária das concepções humanistas da escola nova e enfatizada pelas políticas públicas dos governos atuais.

No contexto dessas discussões, entende-se que a luta pelo acesso à educação ampla, insere-se na problemática mais abrangente, expressão das condições econômicas, políticas e sociais de uma política sociedade marcada pelas relações capitalistas de produção e, portanto, profundamente desigual, excludentes e injusta, que coloca a maioria da população em uma situação de impossibilidades de atendimento de suas necessidades fundamentais, exploração, miséria simbólica e material. Pensar numa mudança significativa, supõe, sobretudo, interrogar e ultrapassar a concepção reducionista de educação como formação para a cidadania, elevando nosso pensamento para os questionamentos dos fins da educação. Eis como um pesquisador sobre esse assunto se posiciona, quando afirma que:

A história nos mostra que a luta pela instrução, a educação, o saber, e a cultura faz parte de uma luta maior entre as classes fundamentais, não apenas nos países ditos desenvolvidos, mas também na nossa história. Se lá o direito à educação e à instrução deixou de ser uma proposta para ser uma realidade, entre nós a garantia do direito do povo à instrução e à educação ainda tem de ser defendida com a ênfase que merece (Arroyo, 2012).

Efetivamente, essa afirmação é muito acertada para o problema que atualmente vivenciamos, o acesso à educação deve-se constituir num direito legítimo; o Estado deve garantir essa faculdade, os investimentos na educação não devem ser vistos como uma despesa, ao contrário como um investimento social em benefício coletivo.

EDUCAÇÃO E TRABALHO: DILEMAS ATUAIS

Ao constituir-se num processo de trabalho, o homem necessita recriar em ideias, em símbolos os objetos de sua ação, o que significa que ele represente mentalmente os objetos reais. Essa representação inclui o aspecto do conhecimento das propriedades do mundo real (ciência), de valorização (ética), e de simbolização (arte). Tais aspectos formam a produção do saber, seja do saber sobre a natureza, seja do saber sobre a cultura, isto é, o conjunto da produção humana. Logicamente, a educação se situa nessa categoria de trabalho (não-material); assim: “O trabalho é o fundamento do ser social porque, por meio da transformação da natureza, produz a base material da sociedade. Todo processo histórico de construção do indivíduo e da sociedade tem, nessa base material, o seu fundamento” (Lessa & Tonet,

⁷ ANFOPE - Documento Final do IV Encontro Nacional. 1992.

2011: 27). É importante observar que ao tratar a educação dessa forma, ela não pode ser reduzida ao ensino, é verdade que o ensino é educação e, como tal, participa da natureza do fenômeno educativo, é alguma coisa que supõe, ao mesmo tempo, a presença do professor e a presença do aluno. Podemos afirmar, que a natureza humana não é dada ao homem, mas é por ele produzida sobre a base da natureza biofísica. Conseqüentemente, o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais⁸ que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo. Dessa ação, resultam algumas conseqüências e compromissos, Saviani (2013), coloca uma observação importante quando afirma que:

O que se chama desenvolvimento histórico não é outra coisa senão o processo através do qual o homem produz a sua existência no tempo. Agindo sobre a natureza, ou seja, trabalhando, o homem vai construindo o mundo histórico, vai construindo o mundo da cultura, o mundo humano. E a educação tem suas origens nesse processo. No princípio, o homem agia sobre a natureza coletivamente e a educação coincide com o próprio ato de agir e existir (Saviani, 2013).

Por esse raciocínio, a educação não se restringe ao ensino, pelo contrário, participa da natureza própria do fenômeno educativo, a própria institucionalização do ato da aprendizagem através da escola é um indício da especificidade da educação, uma vez que, se a educação não fosse dotada de identidade própria seria impossível a sua institucionalização. Nesse sentido, ela se configura numa situação privilegiada, a partir da qual podemos detectar a dimensão pedagógica que substitui no interior da prática social global.

O espaço escolar existe para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitem o acesso ao saber elaborado (ciência), assim, as atividades de trabalho da escola devem ser organizadas a partir dessa questão. Se chamarmos isso de currículo, podemos então afirmar que é a partir do saber sistematizado que se estrutura o currículo da escola. Lembremos que, a palavra curriculum, vem do Latim, significa o curso, a rota, o caminho da vida ou das atividades de uma pessoa ou grupo de pessoas. O currículo educacional representa a síntese dos conhecimentos e valores que caracterizam determinadas atividades num processo social expresso pelo trabalho pedagógico desenvolvido no espaço escolar.

O saber sistematizado, a cultura, a produção de conhecimento, entre outras, por ser uma produção de trabalho humano, é necessária sua incorporação ao homem social de forma a reedificar a sociedade.

Daí a primeira exigência para o acesso ao saber é aprender a ler e escrever. Além disso, é preciso também aprender a linguagem da natureza e a linguagem da sociedade. Está aí o conteúdo fundamental das diversas áreas do mundo escolar: ler, escrever, interpretar e compreender, entre outras coisas.

⁸ “A cultura de um indivíduo depende da cultura de um grupo ou de uma classe, e que a cultura de um grupo ou de uma classe social depende da cultura do conjunto da sociedade à qual pertence aquele grupo ou aquela classe. É a cultura da sociedade, portanto, que é fundamental, e é o significado do termo “cultura” em relação ao conjunto da sociedade” (Eliot, 2011).

Concluindo, a compreensão da natureza da educação enquanto um trabalho não-material cujo produto não se separa do ato de produção nos permite situar a especificidade da educação como referida aos conhecimentos, ideias, conceitos, valores, atitudes, hábitos, símbolos sob o aspecto de elementos necessários à formação da humanidade em cada indivíduo singular, na forma de uma segunda natureza, que se produz, deliberada e intencionalmente, através de relações de aprendizado historicamente definidas que se travam entre os indivíduos. Acertadamente, indica um pesquisador que estuda o trabalho na dimensão escolar quando observa que:

É em grande medida através da ideologia⁹ prática que a escola consegue assegurar as condições para a acumulação continuada de capital e a reprodução das relações de classe capitalistas. A forma pela qual estão socialmente organizadas as escolas, as salas de aulas e o conhecimento, as práticas e rotinas materiais através das quais têm lugar a aprendizagem e o ensino proporcionam o texto socialmente significativo que medeia qualquer transmissão explícita do conhecimento, dos conceitos e das teorias formais” (Enguita, 1989).

Com o desenvolvimento histórico, poucos negariam hoje que os processos educacionais e as mudanças sociais são parte de um mesmo processo. Dessa forma, qualquer cambio significativo na dimensão educacional é difícil sem levar em consideração a transformação das estruturais sociais na qual as práticas educativas evidenciam a sua existência; podemos nos questionar se poderemos superar a forma desigual que é produzido o conhecimento educacional uma vez que: “A distribuição do conhecimento na sociedade brasileira se dá de forma desigual e se acentua nos distritos com maior dinamismo econômica” (Escobar, 2021). A formação em direção à emancipação humana requer uma educação com esses princípios nas práticas educativa e espaços escolares, também, levanta questões que dizem respeito ao tipo de sociedades que queremos construir num tempo não muito longínquo. Mészáros (2008), nos dá algumas pistas que tem como consequência modificações qualitativas no estado atual que se encontra a sociedade, ele afirma que:

Limitar uma mudança educacional radical às margens corretivas interesseiras do capital significa abandonar de uma só vez, conscientemente ou não, o objetivo de uma transformação social qualitativa. Do mesmo modo, contudo, procurar margens de reforma sistêmica na própria estrutura do sistema do capital é uma contradição em termos. É por isso que é necessário romper com a lógica do capital se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente” (Mészáros, 2008, grifos do autor).

Consequentemente, é necessário elevar o nível cultural, político e econômico da sociedade como um todo, trazer para a discussão os aspectos que definem a vida social, desconstruir a narrativa dominante que naturaliza a exclusão e os problemas que dinamizam nosso cotidiano social.

A educação institucionalizada serviu e serve para legitimar um poder que destrói os aspectos mais fundamentais da vida social, a democracia tornou-se, em nossos dias, um instrumento que amplia os propósitos e os direitos que sonha o coletivo. A deturpações desse tipo são a prescrições que orientam uma dominação de nosso tempo, de nossa época, porém, certamente nunca será eterna. A história mostra

⁹ Lowy nos dá uma acertada definição desse conceito quando observa que esta podem constituir-se em: “visões sociais de mundo poderiam ser de dois tipos: visões ideológicas, quando servissem para legitimar, justificar, defender ou manter a ordem social do mundo; visões sociais utópicas, quando tivessem uma função crítica, negativa, subversiva, quando apontassem para uma realidade ainda não existente” (Lowy, 2015).

que as mudanças e a emancipação humana nunca se subtraíram de mudar a realidade. Eis o incômodo de nosso tempo e ninguém pode ficar ilibado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andréas, B. (1983). Entrevista de Karl Marx. Chicago Tribune – dezembro de 1878. Ensaios: Editora e Livraria Escrita Ltda. Ano V – Nº 11/12 – p. 11/12, São Paulo.
- ANFOPE (1992). Documento Final do IV Encontro Nacional.
- Apple, M. (2002). Política, Cultura e Educação. Editora: Cortez, São Paulo.
- Arroyo, M. (2012). O direito do trabalhador à educação. In: Trabalho e Conhecimento: dilemas na educação do trabalhador. Carlos Minayo Gomez. [et al.]. 6ª. Ed. São Paulo, Cortez.
- Barbosa, L.M.A.; Mangabeira, W.C. A incrível história dos homens e suas relações sociais. Vozes São Paulo, 1990.
- Beaud, M. (1981). História do capitalismo: de 1500 aos nossos dias. Trad. De José Vasco Marques. Editorial Teorema, LDA. Lisboa.
- Chauí, M. (2001). Escritos sobre a universidade. Editora: UNESP. São Paulo.
- Eliot, T. S. (2011). Notas para a definição de cultura. Tradução: Eduardo Wolf. Editora: É Realizações, São Paulo.
- Enguita, M. F. (1989). A face Oculta da Escola. Artes Médicas, Porto Alegre.
- Escobar, O. E. N. (2021). Sobre a universidade: o declínio da sociedade atual. Editora Viseu, Maringá.
- Fine, B., Saad Filho, A. (2021). O capital de Marx. Tradução, Bruno Hofig: [et all]. Editora: Contracorrente São Paulo.
- Kuenzer, A. Z. (1995). Pedagogia da fábrica: as relações de produção e a educação do trabalhador. 4ª edição. Cortez, São Paulo.
- Lessa S.; Tonet, I. Introdução à filosofia de Marx. 2ª. Edição. Expressão Popular, São Paulo, 2011.
- Lowy, M. (2015). Ideologias e Ciência Social.: elementos para uma análise marxista. 20ª edição. Editora: Cortez, São Paulo.
- Mészáros, I. (2007). O desafio e o fardo do tempo histórico: o socialismo do século XXI. São Paulo: Boitempo.
- Mészáros, I. (2008). A educação para além do capital. 2ª ed. Boitempo. São Paulo.
- Mészáros, I. (2011). A crise estrutural do capital. São Paulo: Boitempo.
- Saviani, D. (2013). Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 11ª edição. Autores Associados, São Paulo – Campinas.
- Velloso, V. (1984). A evolução social: explorados e exploradores. Editora: Movimento, Porto Alegre.

Índice Remissivo

C

criança, 6, 7, 8, 9, 10

D

desenvolvimento, 6, 7, 8, 9, 10

E

educação Ambiental, 22, 26, 27, 28, 29

estratégias de ensino, 22, 23, 25, 26

evaluación del aprendizaje, 37

M

metodologias ativas, 51

motivação, 58

motivación académica, 35

motor, 6, 7, 8, 9

T

transtorno, 7

Sobre o organizador



  **LUCAS RODRIGUES OLIVEIRA**

Mestre em Educação pela UEMS, Especialista em Literatura Brasileira. Graduado em Letras - Habilitação Português/Inglês pela UEMS. Atuou nos projetos de pesquisa: Imagens indígenas pelo “outro” na música brasileira, Ficção e História em Avante, soldados: para trás, e ENEM, Livro Didático e Legislação Educacional: A Questão da Literatura. Diretor das Escolas Municipais do Campo (2017-2018). Coordenador pedagógico do Projeto Música e Arte (2019). Atualmente é professor de Língua Portuguesa no município de Chapadão do Sul. Contato: lucasrodrigues_oliveira@hotmail.com.



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

